

RESENHA

A PROVA DO AMOR

Comentário do filme *Fatal (Elegy)*, 2008.

Direção: Isabel Coixet. Com Ben Kingsley e Penélope Cruz.

(este texto faz menção ao final do filme)

outubro de 2009

Qual o fascínio de *Elegy*? Ele separa o amor de todas as conveniências que a sociedade criou para a relação homem–mulher, e é como se desse a ver, por isto, o amor sem engano, em estado puro.

Se o casamento é uma empresa em que um cuida das contas, outro da casa e da família; se a sociedade é mais receptiva aos casais; se a família exige filhos e netos, há forças demais sobre o amor, compelindo casais à acomodação, à escolha precipitada, ao compromisso. A sociedade premia com prestígio e bens aqueles que se casam. Quantos presentes ganha um casal na união ou no nascimento dos filhos? Quanto respeito ganham os jovens? Os empregos confiam, os clientes apostam no pai de família, as mulheres ouvem mais atentamente as mulheres casadas e felizes.

O ganho é tão grande que o amor fica de lado. Ele pode ser pequeno ou duvidoso. Às vezes, pode ser nenhum, apenas um bom acordo. Alguma atração sexual ocasional basta. Se somada ao senso profundo de cumplicidade que surge quase espontaneamente no convívio continuado, o relacionamento é ouro. Especialmente se o casamento já aconteceu. Desfazer é um prejuízo social enorme, além do dinheiro, do rasgo na família, de todos os prêmios dados que ficam semi-desonrados. A cumplicidade e a tolerância da intimidade que surgem em um casamento vencem muito habitualmente o amor – aquele da sensualidade exacerbada, que as pessoas duvidam suportar viver por muito tempo.

Então vem *Elegy* e mostra outro plano. Um filme que muitos casais não assistiriam bem (juntos). Quantas pessoas estão em relacionamentos que valeriam o preço que os personagens pagam? Quantas pessoas têm certeza do amor que estão vivendo, quando vêem personagens que passam por todas as provas, inclusive a do tempo?

Talvez o filme tenha sido chamado *Fatal* em português em referência à mulher fatal, Penélope Cruz. Mas a postura impecavelmente amorosa e feminina dela não tem qualquer comparação com a imagem das personagens de Sharon Stone, das mulheres sedutoras que manipulam, controlam, emasculam.

Especialmente no filme – talvez não no livro de referência, *The Dying Animal*, de Philip Roth – Consuela é uma personagem que faz apenas a tecitura do amor e aguarda, como um velejador espera o vento, a resposta do professor.

Ela não é fatal. Fatal é o amor de teor sexual e afetivo bem marcados, da escolha do outro sem hesitação, que atenta contra as identidades esperadas das pessoas inclusive por elas mesmas. Amor que faz dos personagens estranhos até para si mesmos.

Consuela é mágica porque lida com isto com tranqüilidade. Ela quer apresentar o professor para a família, ainda que ela tenha 24 anos e ele, quase 70. Fala nele a todos, quer recebê-lo, o espera. O conflito identitário fica para ele e, esta é uma das delicadezas do filme, está na dificuldade de aparecer ao lado dela para a família dela, mas está também no profundo estranhamento que ele tem de si, ao ver-se um homem decidida e fragilmente apaixonado, depois de uma vida de elogio à independência masculina.

O filme termina no ponto em que ele assume que não soube se desligar dela, mesmo com dois anos de distância. Assume que sua ética anterior se tornou insuficiente. Vai encontrá-la, com a perspectiva de ter que se conciliar com a própria incompetência em ser alguém que ele não estava preparado para ser, para viver seu amor.